

2 Renovação deverá ficar em torno de 60%

A renovação na Câmara dos Deputados deverá se manter nos índices tradicionais dos últimos pleitos, com 60% de novos ocupantes: 40% dos atuais deputados devem ser reeleitos, um terço deverá perder a disputa e 27% preferiram não concorrer ao pleito por razões variadas. Cento e trinta e nove deputados, ou 27% dos eleitos em 1990, decidiram não disputar a manutenção do cargo — 51 deles estão envolvidos nas eleições pelos governos de seus estados ou por uma vaga ao Senado, 39 simplesmente desistiram de participar do pleito, 30 são candidatos a deputado estadual, nove foram cassados, cinco renunciaram e outros cinco faleceram.

No início da campanha, previsões mais alarmistas chegaram a indicar uma renovação de até 80%, que seria resultado do desgaste do Congresso, provocado pelo escândalo dos "anões" na Comissão Mista do Orçamento, o fracasso da revisão constitucional e a persistente ausência dos parlamentares às sessões nos últimos meses.

Os resultados da eleição também devem desmentir as avaliações segundo as quais o repúdio popular aos atuais congressistas seria maior nos grandes centros. Ao contrário, os estados de maior representação — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia — é que deverão apresentar os maiores índices de reeleição dos seus representantes. São Paulo, que passará de 60 para 70 deputados, reelegerá de 30 a 35 dos seus atuais representantes na Câmara. Em Minas (53 representantes), entre 28 e 35 devem ser reeleitos. Dos 46 deputados que integram a bancada do Rio, cerca de 25 podem retornar à Câmara e na Bahia, de 39, mais de 20 têm reeleição praticamente assegurada.

Os menores índices de renova-

NOVAS BANCADAS		
		bancada atual
PMDB	90 a 115	94
PFL	75 a 90	89
PSDB	50 a 60	48
PPR	45 a 55	66
PT	45 a 55	37
PDT	30 a 40	35
PP	30 a 40	46
PTB	20 a 30	29
PSB	12 a 16	10
PC do B	6 a 12	6
PPS	2 a 5	3
Outros	cerca de 30	41

ção deverão ocorrer em pequenas e médias bancadas, como a do Espírito Santo, onde é possível o retorno apenas da deputada peemedebista Rita Camata, embora seus correligionários Roberto Valadão e Newton Baiano também tenham chances razoáveis.

Oligarquias — A "renovação" se fará em larga parcela, pela substituição de representantes de velhas e novas oligarquias, cujos chefes pretendem conduzir à Câmara filhos, mulheres, sobrinhos e outros parentes. Prática tradicional dos partidos conservadores, esses esquemas familiares se estendem agora, em razoável proporção, aos partidos progressistas.

No Pará, o ex-governador Jader Barbalho do PMDB, tem como suplente, na disputa por uma vaga no Senado, seu pai. A ex-mulher, Elcione, um irmão e um primo, são candidatos à Câmara. Em Pernambuco, virtualmente eleito governador, Miguel Arraes manda ao Congresso, para substituí-lo, o neto Eduardo Campos. O deputado pefe-

lista José Mendonça pretende não só reeleger-se mas também eleger um filho homônimo. Na Paraíba, o ex-governador Ronaldo Cunha Lima tem eleição assegurada pelo Senado e de quebra ainda traz de volta à Câmara seu filho Cássio — que foi Constituinte. Com autonomia eleitoral, o irmão de Ronaldo, Ivandro Cunha Lima, também deve ser reeleito.

No Rio, é a petista Benedita da Silva, que procura ajudar a eleição para a Câmara o marido, Antonio Pitanga. Em São Paulo, a sexóloga Marta Suplicy, mulher do senador Eduardo Suplicy, é considerada virtualmente eleita, embora possa alegar que por méritos próprios. Do Paraná, virá o irmão do ex-governador Roberto Requião, Maurício. Do Acre disputam a reeleição, com grandes chances, a peemedebista Zila Bezerra (mulher do senador Aluisio Bezerra) e a representante do PPR Célia Mendes (mulher do candidato ao Senado, Narciso Mendes). Tentam o primeiro mandato federal as peemedebistas Regina Lino, filha do ex-deputado Rui Lino e Yolanda Ferreira (mulher do ex-deputado Geraldo Fleming).

Além dos casos já existentes, a dobradinha marido-senador, mulher-deputada ou vice-versa (caso Benedita-Pitanga), está sendo tentada em outros estados. Em Goiás, a mulher do senador Onofre Quinan, Lúcia, é considerada virtualmente eleita e em Roraima a mulher do senador João França tem alguma chance.

Desmonte — No Nordeste, os antigos "currais eleitorais" estão sendo desmontados — ou trocados de dono — menos pela consciência política e mais pela ação do poder

econômico dos novos detentores de fortunas que procuram ingressar na política, competindo com as velhas oligarquias. O mesmo fenômeno é observado, em menor proporção, em áreas do Sudeste, como interior de Minas, a Baixada Fluminense e o interior paulista.

Para melhor dimensionar minimizando-se, o significado da substituição de nomes na futura Câmara, deve-se levar em conta que mais de 40 ex-deputados federais — como os ex-presidentes da Casa, Nelson Marchezan e Paes de Andrade e o ex-senador Franco Montoro — são considerados virtualmente eleitos ou têm grandes chances de conquistar uma cadeira de deputado federal (Montoro está fora da Câmara há 28 anos, depois de 20 anos como senador e quatro como governador de São Paulo).

Poder econômico. — Motivo de preocupação dos partidos de esquerda, a participação do poder econômico na futura Câmara não pode ser quantificada com precisão, embora, com segurança, ultrapasse o total de 200 deputados. Integrado por representantes de diferentes setores do patronato urbano e rural, esse expressivo bloco do poder econômico é contudo sujeito a conflitos de interesses e divisões, como ficou demonstrado nas votações da Constituinte, quando razoável parcela de empresários chegou a votar com as propostas de interesse do trabalhador e de manutenção do controle da economia pelo Estado.

Embora em menor proporção — em comparação à Constituinte — esse conflito de interesses deverá se repetir na votação das reformas constitucionais pretendidas pelo esquema político e econômico que dá sustentação à candidatura Fernando Henrique Cardoso.